

PARTICIPAÇÃO FEMININA NO ESPORTE ADAPTADO BRASILEIRO

Caroline Carneiro Xavier (PIBIC)- Universidade Estadual de Maringá,
Decio Roberto Calegari (ORIENTADOR)-Universidade Estadual de Maringá
e-mail: deciorc@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde/
Departamento de Educação Física/ Maringá, PR.

Ciências da Saúde – Educação Física

Palavras-chave: esporte adaptado; desigualdade gênero; participação feminina.

RESUMO

O esporte adaptado surgiu como forma de inclusão social da pessoa com deficiência na sociedade com finalidade de melhora na qualidade de vida, passando ao decorrer do tempo para esporte de rendimento e competição, assim mulheres que possuem algum tipo de deficiência encontra outras dificuldades além destas para entrarem no mundo competitivo como desigualdade de gênero, preconceitos, estereótipos e vida familiar (COSTA; SOUZA; 2004). Este estudo teve como objetivo estabelecer o perfil da amostra utilizada para coleta de dados no contexto do projeto PIBIC: “Presença feminina do paradesporto”. Foram sujeitos 32 atletas que praticavam atletismo, natação, basquete e handebol em cadeira de rodas. O questionário de caracterização do perfil da amostra levou em consideração informações pessoais, modalidades praticadas, tempo de prática e deficiência. Conclui-se que apesar das dificuldades sociais, barreiras arquitetônicas e baixa oferta de opções de prática é possível perceber a importância da prática do paradesporto para mulheres com deficiência.

Introdução

Ao se colocar no meio esportivo a mulher encontra dificuldades de entrada e permanência neste que são advindos em sua maioria de fatores externos e de relacionamentos pessoais, como estereótipos de conservação de feminilidade, desigualdade de gênero e a importância de estar expondo seus relacionamentos em relação ao seu desempenho esportivo sobrepondo estes as suas habilidades profissionais (FIGUEIREDO; 2014).

Modernamente, Santos (2005) conceitua os sistemas de gênero como mecanismos culturais elaborados para lidar em situações de diferenças de

sexo relativas à reprodução social e biológica, sendo sexo utilizado para determinar a diferença entre identidade biológica entre feminino e masculino, e gênero como aspectos que foram criados sócio e culturalmente.

Desigualdades promovidas na relação de poder entre homens e mulheres, são situações que se perpetuam em nossa sociedade, e quando relacionadas às mulheres que possuem algum tipo de deficiência se agravam de maneira expressiva, seja no mercado de trabalho ou nas relações pessoais, e a entrada destas no esporte se insere neste contexto. Nesse sentido o presente trabalho possui objetivo de entender qual perfil de mulheres praticantes do esporte adaptado e suas maiores dificuldades de entrada e permanência.

Materiais e métodos

População e Amostra

Participaram 32 atletas do sexo feminino, com média de idade de 34,68 anos, praticantes de modalidades paradesportivas coletivas e individuais, que participaram de competições paradesportivas.

Instrumentos de Pesquisa

Foi elaborado um questionário de identificação (nome, idade, modalidade praticada, diagnóstico de deficiência, tempo de prática, nível competitivo);

Análise dos Dados: Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e de frequência.

Resultados e Discussão

Até 30/07/2018 responderam a coleta de dados 32 mulheres atletas, sendo que 91,4% da amostra apresentam deficiência motora e apenas 8,6% da amostra com deficiência visual. Em relação ao diagnóstico de deficiência, 6 participantes apresentaram sequelas de pólio; 7 atletas com má formação congênita; 8 atletas com lesão medular, 1 atleta com amputação, 3 com deficiência visual e 7 com diferentes tipos específicos de deficiência.

As praticantes apresentaram a média de 6,5 anos de tempo de prática no esporte adaptado; em termos de nível competitivo foi possível observar predominância em relação as competições estaduais (32%) e com menor número de atletas o nível internacional (12%); As modalidades praticadas e com a frequência em que foram praticadas são apresentadas na Tabela 1:

Tabela 1 - Frequência das modalidades praticadas por mulheres paratletas brasileiras. (algumas atletas praticam mais de uma modalidade).

	Modalidade		Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
	Frequência	Porcentagem		
atletismo	15	39,5%	39,5%	39,5
basquete	6	15,8%	15,8%	55,3
bocha	1	2,6%	2,6%	57,9
handebol	6	15,8%	15,8%	73,7
natação	9	23,7%	23,7%	97,4
volei	1	2,6%	2,6%	100,0
Total	38	100,0%	100,0%	

A tabela um apresenta quais modalidades são praticadas pelas participantes e quais destas apresentam maior número de praticantes, o atletismo foi a modalidade mais praticada com 39,9%, seguido pela natação com 23,7%, com valores inferiores para o vôlei e bocha ambos com 2,6% de praticantes. Cabe ressaltar que cada participante podia indicar a participação em mais de uma modalidade, por isso o número maior de respostas a essa questão.

Conclusões

Apesar das dificuldades sociais, barreiras arquitetônicas e baixa oferta de opções de prática é possível perceber a importância da prática do paradesporto para mulheres com deficiência, pois este proporciona saúde, qualidade de vida, autonomia e independência.

Agradecimentos

À Fundação Araúcaria por proporcionar o incentivo a iniciação a pesquisa.

Ao meu orientador Décio Roberto Calegari por todo conhecimento transmitido.

Referências



FIGUEIREDO, T,H. **Gênero e Deficiência** –uma análise da cobertura fotográfica dos jogos paralímpicos de 2012. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 11 Nº 2 Julho a Dezembro de 2014.

SANTOS, J,A. **Desigualdade social e conceito de gênero**. Tese de mestrado, Universidade de Juíz de fora, 2005.

COSTA, A.M,; SOUZA, S,B. **Educação física e esporte adaptado**: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.